

QUINTA-FEIRA à tarde

N.º 185

«O VALETE DE ESPADAS»

Por ADONIAS FILHO

ESTREANDO no romance, e com esse «Valete de Espadas» que toma posição na melhor linha kafkiana, Gerardo Melo Mourão não pôde tirar a sua condição de poeta. Ao fechar o livro,



Wolfgang Windgassen, no papel de Siegfried, no «Repêsculo dos Deuses», de Wagner, vendendo-se, em segundo plano, Gottlob Frick («Hogdas»)

(Ler notícia nas páginas centrais)

após tanta deter-me nos seus círculos que constituem uma só confissão, foram as relações da poesia com a novelística que se impuseram de modo incisivo. O debate estabelecido — entre a experiência lírica e a dramaturgia moderna —, e no qual o crítico foi localizar a crise da ficção teatral, como que ressurge na transposição para o romance. Dir-se-ia que, na sua invasão, o transbordamento poético anulou o romance nos seus componentes mais ostensivos: da acção episódica à atmosfera geral, da configuração das personagens à representação directa, da mobilidade cénica à trama na sua carreira descritiva. Se para a dramaturgia a crise resultava da ausência dos recursos poéticos, para o romance decorria do excesso da contribuição lírica.

A verdade, porém, é que, sempre à sombra de Kafka — no sentido da colocação dos elementos especulativos, da interferência simbólica na sondagem, da inquirição subjectiva sem invalidar os valores psicológicos — o poeta tinha o direito de servir-se do romance para accionar os problemas maiores que são os da angústia e da solidão em base existencial. A contribuição poética, por este lado, é um suporte. Responsável pela segurança da linguagem, que corre quase em ritmo no rigor estilístico com que se articula, tem a justificá-la a própria conformação plástica de «O Valete de Espadas».

Nesse espaço, que alguns poderão considerar revolucionário (o xanti-novela da crítica de Peter Green sobre Nathalie Sarraute) e que me parece já ter vindo a prova, Gerardo Melo Mourão não conseguiu associar apenas a poesia ao romance dentro da mesma estrutura. Conseguiu movimentar um mundo, estranho e dramático, que logo ingressa naquela

«mistica do inferno» tão flagrante, por exemplo, em Marcel Jouhadreau.

O romance, em todo o seu roteiro só aparentemente labiríntico, nos inúmeras experiências em que a personagem reflecte a vida interior, se restringe afinal a um monólogo — a confissão sem censura, ilimitada no poder de exame, inquietante em seu delírio — que se esgota no mais responsável dos debates. Rodado asfixiante que põe a né uma consciência em febre, buscando-se o contacto, para esse ecoar.

(Continua na pág. seguinte)

PESQUISAS CIENTÍFICAS

A Comunidade Alemã de Pesquisas destinou para investigações científicas a verba de seis milhões e meio de marcos — cerca de 45.500 contos. Esta soma será principalmente aplicada no desenvolvimento do estudo das doenças dos rins, do cancro e da epilepsia.



«Mulher de Sperlonga», quadro do artista italiano Purificato

FERNANDO PESSOA ENTRE O SAUDOSISMO E O PAULISMO

Por JOÃO GASPARD SIMÕES

SE fosse vivo, teria completado no dia 13 de Junho setenta e dois anos o poeta de quem neste momento se celebram os primeiros vinte e cinco anos de imortalidade. Como, porém, entre nós, a melhor maneira de um

poeta não morrer é entrar prematuro na morte, tudo nos leva a crer que, vivo ainda, Fernando Pessoa em 1960 permaneceria desconhecido como em 1935. Bem haja, pois, a morte que imortaliza!

Na história da poesia portuguesa a personalidade do autor da Mensagem ocupa, realmente, um lugar firmemente consolidado. Posto a sua obra tenha vindo ao encontro de um movimento que de algum modo deve considerar-se integrado nas tradições de uma literatura que não pode viver completamente isolada das literaturas estrangeiras, não há dúvida que, nas suas características principais, essa obra constitui um elemento novo.

Com o século XX também a poesia portuguesa conhece a sua forma «moderna» ou «modernista». Depois de 1890, data em que aparece entre nós a primeira obra de feição simbolista — diríamos melhor, nefelibata — verificava-se no lirismo nacional

uma conversão aos módulos poéticos que em França costumam chamar-se pós-baudelairianos. E posto a influência de Baudelaire se tivesse feito sentir em Portugal desde 1867, data da morte do autor de Les Fleurs du Mal, o certo é que aquilo que pode considerar-se tipicamente moderno na sua poesia — o tal «frisson nouveau» em que falava Vítor Hugo — apenas principia a ser entendido pelos precusores directos do modernismo — um Gomes Leal, um Cesário Verde, um António Nobre, um Eugénio de Castro, um Camilo

(Continua na página seguinte)

SEMANA INTERNACIONAL DE TEATRO

Na 10.ª Semana Internacional de Teatro Universitário, que se realiza em Erlangen (Alemanha Ocidental), de 29 de Julho a 6 de Agosto, participam treze países.

A CRISE DE CRESCIMENTO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTALAÇÕES, CORPO DOCENTE E DOTAÇÕES NÃO ACOMPANHAM O RITMO DE AUMENTO DA FREQUÊNCIA ESCOLAR

TRAZ interessantes revelações acerca do constante aumento da frequência escolar na Universidade de Lisboa, e dos problemas que essa crise de crescimento implica, o último «Boletim Trimestral da Universidade de Lisboa».

Lê-se, ali, com efeito: «No primeiro ano lectivo que se seguiu à reunião das quatro Escolas Superiores que então funcionavam na capital, na Universidade de Lisboa, o número de alunos inscritos rasava apenas as escassas duas centenas. Dez anos depois a frequência era de 1.281, para hoje, ainda não decorridos cinquenta anos sobre a reunião das diversas Escolas Superiores da Capital na Universidade de Lisboa, os duzentos e poucos alu-

nos da então terem dado lugar a quase sete mil.

Pelo gráfico que se segue poder-se-á avaliar com exactidão este aumento de frequência escolar que julgamos ter lugar absolutamente à parte na história do ensino em Portugal:

Em face destes números parece desnecessário fazer comentários sobre as dificuldades a que tem dado lugar o aumento de cerca de mil alunos em cada quinquénio, se se pensar que até há bem pouco as instalações eram as mesmas que a

(Continua nos págs. centrais)



TRÊS MIL CONTOS POR UM QUADRO DE RENOIR

Rendeu cerca de quarenta mil contos a venda de quadros dos impressionistas e contemporâneos franceses realizada a semana passada na galeria Sotheby's de Londres.

Entre as obras vendidas figuravam: «Duas mulheres lavando», de Renoir, adquirida por um colecionador norte-americano pelo equivalente a mais de 3.000 contos; duas telas («Fauves» de Braque, uma por mil contos e outra por cerca de 850 contos); e três quadros de Picasso — «Duas figuras», por cerca de 915 contos; «Três banhistas», por 500 contos; e «Arlequim com guitarra», por 290 contos.

O PROBLEMA NACIONAL DOS PAINÉIS

Com o pedido de publicação, recebemos do sr. José de Almada Negreiros a seguinte carta:

Em resposta a uma local na última página da «quinta-feira» do Diário Popular, referente a Painéis e Geometria, venho pedir a V. Ex.ª a publicação, que agradeço, do seguinte:

**NÃO ADMIRA MESMO NADINHA
QUE A GEOMETRIA FALE «PRETUGUÊS»
A QUEM NÃO «PERCEVEJA»
NADA DE GEOMETRIA**

Assim fala Geometria: tenha a sua santa paciência o crítico do esfregaço na sigla dos Painéis, se não lhe convenho mesmo nadinha, sobretudo neste momento.

Pela Geometria,

José de Almada Negreiros